

ONZE TESES onde se narram as espantosas malfeitorias da Literatura e se fala da necessidade ingente de atalhar a tal dano, propondo-se o excelso exercício da liberdade livre da produção textual, remédio infelizmente mui custoso de alcançar-se.

1. A arte é social. Ao falar de «literatura em sociedade» investigamos, não a relação entre dois objectos acabados, mas sim o modo como do conjunto da praxis social se destaca uma prática específica, um trabalho sobre a linguagem, que se cristaliza no produto social a que se convencionou chamar «texto literário». Conceber a arte como simples «reflexo do real» implica conceber a sociedade como um objecto exterior à linguagem.

2. A linguagem, «consciência prática» (Marx), não é uma coisa nem um simples instrumento, mas sim elemento activo e constitutivo do real, lugar privilegiado de articulação das ideologias e práticas sociais.

3. O artista, ser social, está, ao articular-se em linguagem, e por muito que afirme o contrário, a inserir-se num processo complexo de comunicação, de troca social, que só adquire sentido pleno dentro de uma perspectiva globalizante. «A arte é autónoma, mas não autárquica» (B. Brecht).

4. O texto não é objecto estático com um sentido imanente, uma essência que a leitura buscaria por aproximações sucessivas, mas sim lugar privilegiado de diálogo e contradição, pergunta e resposta, palco de tensões articuladas em linguagem, por sua vez em relação complexa com universos ideológicos não transparentes.

5. A realidade social não é simples cenário de um discurso que, soberano, se situaria num plano superior ou a que, num acto mágico de criação, coubesse a função de ordenar uma existência percebida como caótica. A opacidade do real, tal como se revela à ideologia, é rasgada precisamente nesse processo comprometido e dinâmico em que o texto mobiliza todos os recursos da linguagem para encenar a sua resposta, logo posta em questão no embate com o processo conflituoso e violento da História.

6. Todo o texto, realização actual de uma solução (fictícia) das contradições que lhe servem de referente, ao dizer, cala. «Todo o documento de cultura é, ao mesmo tempo, documento de barbárie» (Walter Benjamin). Interrogar esse silêncio é, arrancando o texto para fora de si próprio, restituir-lhe uma plenitude de sentido para nós, garantir a sua existência aqui e agora.

7. Todo o discurso crítico que se esgota na busca de uma essência imanente de sentido ou se baseia numa pretensa transparência do texto, não assumindo na interrogação das contradições e silêncios de que este é feito a necessidade de tomar partido, torna-se, consciente ou inconscientemente, cúmplice do Poder. Materialista e dialéctica será a crítica que desmascara a «autoridade» feiticista do texto como produto de uma leitura determinada pela ideologia dominante.

8. Como realidade dinâmica, não objecto fixo e neutro, mas componente de uma praxis, todo o texto é um acto de *intervenção*. Contra quê e contra quem? A neutralização deste facto através de um conceito de «Literatura» faz parte de um sistema de dominação e é produzida pela Escola.

9. Toda a leitura implica uma tomada de posição, activa ou passiva, por uma das classes que se defrontam numa sociedade dividida. É em si mesma um acto partidário de fundas implicações sociais. Escrever e ler implica ter presente que os meios de produção, que o capitalismo desenvolveu em tão larga escala, são usados cada vez mais, não para reforçar, mas para aniquilar a possibilidade de produção cultural das massas e que a «Literatura» pode existir na forma actual precisamente por ser luxo de muito poucos. Se isso estivesse ausente do nosso discurso, preferível seria o silêncio.

10. Por isso se fala aqui da «vida que transforma a língua em algo mais/que o falar por falar» (Jorge de Sena). E se fala de coisas que «nada têm a ver com a literatura». E se defende uma prática pedagógica capaz de educar um leitor activo, já não objecto da «Literatura», mas sujeito de um processo de apropriação produtiva em que transforma transformando-se.

11. No texto se põem em jogo (em causa) todos os mecanismos do desejo e do prazer. A arte revolucionária é a que tende para a anulação (superação) de si própria, na actualização utópica do estado em que o homem, já não escravo assalariado, produz (vive) «segundo as leis da beleza». «Todas as artes contribuem para a maior de todas, a arte de viver» (B. Brecht).